

Uma Ponte entre Mundos

Sobre relação entre astrologia e astronomia

Anabela Cudell, 2007,
publicado na revista “Sternzeit” n.º. 30

Entre a astrologia e a astronomia existe uma barreira quase intransponível. Muitos astrónomos têm a necessidade de designar a astrologia de superstição ou pseudociência (1) e para os astrólogos, a astronomia é demasiado abstrata, demasiado matemática, demasiado específica.

Vamos então olhar com mais atenção. O que é superstição? Porque é que os astrónomos descrevem a astrologia precisamente com essa palavra? Por vezes também dizem: «A astrologia é um disparate, uma charlatanice» e outras coisas semelhantes. Essas designações, dos que «antipatizam com a astrologia», ainda se compreendem. Não sabem o que é a astrologia e por isso chamam-lhe disparate.

Mas então porque é que se repetem tanto com a superstição? O dicionário explica: superstição quer dizer algo como descrença, “religião primitiva, ... paganismo, magia, feitiçaria” (2).

Os que «antipatizam com a astrologia» são da opinião que a astrologia é uma religião pagã ou que os astrólogos não têm fé cristã? Isso é muito estranho. Mas vamos por partes.

Na época das perseguições religiosas, quando os cristãos perseguiram os pagãos, ou quando membros de diferentes correntes cristãs se perseguiram mutuamente, católicos e protestantes se designavam descrentes uns aos outros. Nessa época era dramático ser considerado pagão ou herege. Significava ter que exilar-se, ser condenado, ou significava a perda de propriedade.

Porque é que a astronomia continua a arrastar essa palavra consigo até hoje? Porque é que se designa a astrologia como pagã?

Por detrás da antiga palavra ainda existe um antigo medo da perseguição, o medo de ser considerado pagão ou herege e de ser banido. A história mostrou muitas vezes que um costume persiste, mesmo quando a causa que lhe deu origem já desapareceu. Assim, a palavra “superstição” e a época em que surgiu, fazem alguma luz sobre a relação entre astrologia e a astronomia.

Nos séculos 16 e 17 estavam em curso enormes mudanças sociais. A modernidade, com a sua exatidão científica estava a ganhar cada vez mais consistência. A Igreja quis impor aos eruditos o que deveriam saber e ensinar e o que não. Foi a tentativa desesperada de conservar um poder que já não podia ser mantido. Passados cem anos, esse poder absoluto da Igreja perdeu-se com o iluminismo. A astrologia, tal como todas as outras disciplinas, era ensinada nas universidades, mas foi expulsa entre 1630 e 1700. Durante esses tempos difíceis também tiveram lugar os processos de Galileu.

O que é que se pretendia afastar com essa exclusão da astrologia? O que havia na astrologia, que as universidades não suportavam? Na altura, as mulheres não podiam obter nenhum título académico. Apenas os homens podiam ser juristas, médicos, pintores ou matemáticos. A astrologia estava amplamente divulgada. Também os clérigos se dedicavam a ela e até decoraram as igrejas com símbolos astrológicos.

Sempre se tentou separar a astrologia determinativa (= prever acontecimentos exatos, muitas vezes especulativos) da «natural» (= baseada na observação da natureza). Distinguiu-se a astrologia sensacionalista e abusiva da astrologia de intenções sérias. No fundo, este antagonismo não passava da separação do hemisfério cerebral direito (= fantasia, visão geral) do esquerdo (= precisão, detalhe). E por fim, também equivale à polaridade dos princípios feminino e masculino.

O que acabou por levar à expulsão da astrologia das universidades, foi o seguinte: quem calculava os horóscopos eram os matemáticos. Em 1627 Kepler desvendou os segredos matemáticos das órbitas planetárias e publicou as Tábuas Rudolfinas, as primeiras efemérides sistemáticas e fiáveis, que continham as posições de todos os sete planetas e para cem anos. Antes dessa inovação, calcular um horóscopo era um trabalho exaustivo.

Os professores de matemática, no entanto, eram obrigados a publicar almanaques com prognósticos astrológicos. É compreensível, que alguns matemáticos estavam desagradados com essa obrigação. Esses almanaques, continham prognósticos relativos ao clima e à política e a sua qualidade variava muito. Alguns assemelhavam-se a publicações sensacionalistas ou até pretendiam ridicularizar a astrologia.

Esses almanaques, que também eram elaborados por astrólogos não matemáticos, eram muito populares e muito levados a sério pela população. Acontecia que os prognósticos relativos aos governos podiam desencadear autênticas crises políticas. Se o almanaque preferisse determinado ministro, os acontecimentos políticos eram influenciados ao ponto dos governos verem uma ameaça real na astrologia. Também o papa se desagradava com as atividades astrológicas dos clérigos.

Foi encontrada uma solução radical. Não só foram criadas leis que limitaram ou proibiram os almanaques astrológicos, mas também a astrologia foi totalmente banida das universidades. Essas medidas ocorreram em diferentes países com diferente rigor. Tal podia ser a simples extinção da cátedra de astrologia até ao extremo de bibliotecas astrológicas inteiras serem eliminadas e até os professores de astrologia serem encarcerados.

Face à situação difícil que os intelectuais e os pensadores estavam a viver nesses tempos, imagine-se o desastre. Os matemáticos, chocados com o destino dos seus colegas exonerados dos seus cargos, retiram-se mais para as profundezas das estruturas das instituições de ensino, com medo de também serem atingidos. Nestes momentos conturbados da história nunca se sabe ao certo quem se torna um perseguido e o perseguidor. Havia que assegurar as boas graças da Igreja que continuava a ter a última palavra. Assim foi criada a necessidade de distanciamento e de dizer: a astrologia é superstição ou pseudociência.

Dissocia-se a astrologia e a matemática. Ganham cada vez mais distância e chegam a um ponto onde já não querem ter nada haver uma com a outra, tal como duas montanhas entre as quais o passar do tempo cava um vale cada vez mais fundo e que finalmente deixa de ser transponível. No entanto, continuam sempre um pouco ligadas, porque os astrólogos vão buscar os seus cálculos junto dos matemáticos e algum matemático manda ocasionalmente elaborar um horóscopo junto dum astrólogo.

E o que aconteceu à astrologia? Atirada para o meio da rua, ela espreguiça-se, admirada com a sua nova condição. Ergue-se lentamente, sacode o pó das suas vestes e procura um novo lar. Este facto é admirável na astrologia. É uma ciência – para mim é – que continua a existir durante séculos, mesmo sem ser cultivada numa instituição de ensino. E se considerarmos a sua atual vivacidade, vai continuar a viver mais séculos ainda.

Em todo o caso, na altura a astrologia junta-se a outras artes banidas das universidades: as artes divinatórias e as artes curativas, que hoje em dia são conhecidas como medicina alternativas. As mulheres em geral, que não podem seguir cursos na universidade, dedicam-se agora mais à astrologia.

Com a exclusão das mulheres das universidades, os pensamentos masculinos e femininos foram «divorciados». Geralmente, a forma de pensar feminina, cheia de fantasia e floreios, mais ramificada, associa livremente e estrutura detalhadamente. É demasiado desordenada para o modo de pensar masculino, dificulta o funcionamento racional, rápido e uniforme.

O que foi e continua a ser excluído das universidades, é entre outros a espiritualidade, que pode ser encontrada com mais predominância no mundo feminino – a ligação entre tudo dentro de tudo. Outras designações são a metafísica, a mística ou o esoterismo, os quais também são continuações das antigas culturas pagãs.

A encruzilhada separa portanto a astrologia da universidade, pensamento feminino do masculino, mas também a mística da precisão científica e os restos das antigas culturas pagãs do cristianismo.

Tudo no mundo tem uma origem e um desenvolvimento. Tudo é parte dum fluxo energético. É assim com cada costume, com cada tradição, com Tudo o que é transmitido. E é assim também com a astrologia e com o modo como é exercida. A realidade da astrologia atual é o resultado do seu passado. O fluxo energético, que transportou a astrologia até hoje, e que vive dentro de cada astrólogo e astróloga, continua a mover-se em direção ao futuro.

Hoje, o ensino superior continuam a repudiar a astrologia, com algumas raras exceções. A universidade excluiu as mulheres durante quinhentos anos e a astrologia há trezentos. Essa exclusão das mulheres da vida pública tem antecedentes muito mais antigos, nomeadamente na proibição das Sibilas profetizas no século 3 a.C. da Roma Antiga.

«Prever» (= ver com antecedência) ou «divinação/ adivinhação» (= descobrir por meios divinos) é o tal 6º. sentido, que se encontra mais facilmente em pessoas do sexo feminino.

Durante muito tempo, a arte da adivinhação e as mulheres eram indesejadas tanto na vida pública como nas universidades. Nas últimas décadas as mulheres participam nestas áreas, mas a arte divinatória, a magia e muitas artes metafísicas como por exemplo a geomancia, a oniromancia, a quiromancia e o misticismo continuam a ser inimagináveis nas escolas superiores e na vida oficial.

Até as feministas, na sua luta pela aceitação conseguiram afastar essas capacidades primordialmente femininas das suas temáticas. No entanto, são maioritariamente mulheres que exercem astrologia. Nos congressos de astrologia, mais de 70% dos participantes são mulheres.

Durante o barroco, quando a astrologia e a universidade foram dissociadas, a precisão científica ainda não tinha sido inventada por Brahe, Descartes e outros, que iriam atuar em breve. Antes deles, até nas universidades se especulava ilimitadamente. Todo o professor podia apresentar uma teoria qualquer e montar as explicações conforme lhe dava jeito.

A astrologia manteve alguns costumes do mundo erudito da época barroca e felizmente não vestiu nenhum espartilho de exatidão. Qualquer pessoa pode apresentar-se e filosofar dentro de limites relativamente amplos atravessando diagonalmente todas as áreas do conhecimento.

É meu desejo é que esta fonte inesgotável de criatividade seja mantida, porque assim que as limitações começarem nesta área, serão as mulheres as primeiras a serem excluídas.

A matemática deu origem à física e esta à astronomia. E quanto à astronomia com a «sua» superstição ou pseudociência, podemos ver que não consegue negar a sua história.

Fontes: Arthur Koestler, *The Sleepwalkers, a History of Man's Changing Vision of the Universe*, 1959; Wilhelm Knappich, *História da Astrologia*, 1967; Kocku von Stuckrad, *História da Astrologia*, 2003; Diosas e Adivinas, Santiago Herrero, 1994.

Notas:

(1) <https://pt.wikipedia.org/wiki/Pseudociência>, 2015.

(2) Dicionário Houaiss, da língua portuguesa, 2002. 1) “Superstição: crença ou noção sem base na razão ou no conhecimento, que leva a criar falsas obrigações, a temer coisas inócuas, a depositar confiança em coisas absurdas, sem nenhuma relação racional entre os fatos e as supostas causas a eles associadas; credence, misticismo. Ex.: ... vários hotéis nos E.U.A. não possuem o 13º andar. 2) crença em presságios e sinais, originada por acontecimentos ou coincidências fortuitas, sem qualquer relação comprovável com os fatos dos quais se acredita sejam prenúncio; 3) religião primitiva, em que se cultuam basicamente espíritos que se crê estarem presentes nas coisas e nas forças da natureza; paganismo, magia, feitiçaria; 4) Derivação: por extensão de sentido: crença cega, arraigada e exagerada em alguma coisa, alguma regra ou algum princípio, que se adora ou se segue sem questionar.”